

**SPORTRÊS APRESENTA:**

**GRANDES CLUBES BRASILEIROS**

**CLUBES**

# SÃO PAULO

**A HISTÓRIA,  
DO FLORESTA AO MORUMBI  
AS CONQUISTAS**

**A SELEÇÃO  
DE TODOS  
OS TEMPOS**



QUINZE ANOS  
EDITORA  
**8**  
TRÊS



## **Editores**

Domingo Alzugaray  
Cátia Alzugaray

## **Secretário Editorial**

Armando Gonçalves

# **GRANDES CLUBES BRASILEIROS**

## **Coordenação Editorial**

Sérgio Leal Maia

## **Direção de Arte**

Alexandre Toríbio

## **Chefe de Arte**

Marcelo Buzzo

## **Diagramação**

Renato Yada

## **Assistentes de Arte**

Ricardo Pereira Marques  
Marcos Juvenal da Silva  
Celso da Silva Gama  
Eduardo Caldeira da Silva

## **Produção**

Rosiclei Pereira Mendes

## **Secretária**

Irene dos Santos

## **Circulação**

Gregório França

## **Revisão**

Edileuza Ferreira Lima  
Maria Cleide M. de Camargo  
Regina Alizabete Barbosa  
René Regina De Maria C. Gregoris

Capa: Luiz Aureliano/ Abril Press.

GRANDES CLUBES BRASILEIROS é uma edição especial de SPORTRÊS, uma publicação da Editora Três Ltda. Redação e administração: rua William Speers, 1.000, fone: 260-0533. Caixa Postal 223, São Paulo, SP, 05065. Endereço Telegráfico: Editrês. Escritório no Rio de Janeiro: av. Almirante Barroso, 63, sala 1.509, fone 240-2075. Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Os números atrasados devem ser pedidos diretamente à Editora Três Ltda. Caixa Postal 223, São Paulo, SP, 01000.

Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., rua Teodoro da Silva, 907, fone 268-9112, Rio de Janeiro, RJ.

Composição, fotolito, impressão e acabamento:

Grupo de Comunicação Três, rua Engenheiro Fox, 135, São Paulo, SP, 05069.

## **NÚMEROS ATRASADOS**

### **Através de seu jornaleiro:**

Procure em sua banca de jornal preferida. Todos os jornaleiros dispõem do sistema **Disquetrês** para atendimento de números atrasados.

### **Pessoalmente:**

Basta dirigir-se aos seguintes endereços:

São Paulo: rua William Speers, 1.000, Lapa de Baixo, fone 260-0533 ou na rua Marquês de Itu, 319, Centro, fone 223-4044

### **Por carta:**

Solicite por carta endereçada à Editora Três Ltda. Setor de Números Atrasados. Caixa Postal 223, CEP 01000, São Paulo, SP.

# O Paulistano que Virou São Paul

Para se contar a história do São Paulo Futebol Clube é necessário recuar pelo menos 35 anos a partir da data que os dirigentes do aristocrático clube do Morumbi admitem como sendo a oficial da fundação. O marco zero da história do tricolor paulista é exatamente a fundação de outro grande clube paulista e brasileiro: o Clube Atlético Paulistano, fundado em 29 de dezembro de 1900 e hoje um dos mais imponentes e sofisticados do país, com muitas conquistas nos esportes ainda chamados de amadores.

E foi exatamente por não aceitar o profissionalismo no esporte, em 1929, que o Paulistano deu origem a um movimento que resultaria na fundação do São Paulo Futebol Clube, seis anos depois.

Naquele ano o Paulistano tinha sido campeão da cidade e havia uma forte

São Paulo F. C.



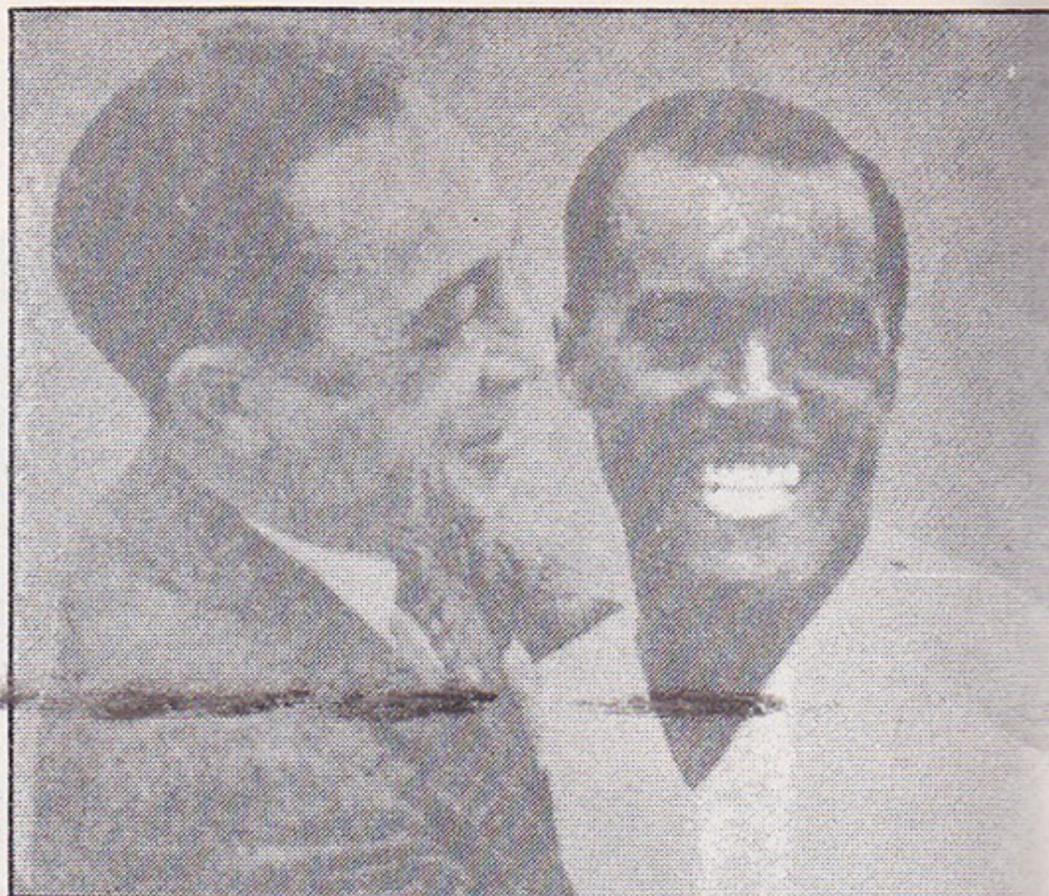
*Dos tempos do Paulistano à atual formação*



ão, mais de 50 anos de história

tendência entre os clubes para a profissionalização do futebol. O presidente do Paulistano, Antônio Prado Júnior, que também era o prefeito da capital paulista, não aceitava as novas regras que inevitavelmente seriam impostas. Por idealismo, ou por economia, ele queria que o futebol em seu clube continuasse amador e não tendo poder suficiente para suportar as pressões decidiu acabar com o time. Liquidou de vez um futebol que já havia conquistado 11 campeonatos – os de 1905, 1908, 1913, 1916, 1917, 1918, 1919, 1921, 1926, 1927 e 1929. Esse último, no dia 15 de dezembro daquele ano, em seu campo no Jardim América, quando goleou impiedosamente o Antártica por 6 a 1 tendo como centroavante ninguém menos do que o mágico Friedenreich, um jogador tão fantástico que Araken Patuska, pontaesquerda da seleção brasileira que disputou a primeira Copa do Mundo no

Prensa Três



*Duas glórias tricolores: Friedenreich abraça o seu sucessor, Leônidas da Silva. Muitos consideram Fried o Pelé dos anos 30*

Uruguai, em 1930, ousa comparar a Pelé: “Para o Fried ser maior que Pelé só faltou a televisão” – garante o velho craque.

A decisão de Prado Júnior, apesar de trágica, era irreversível, mas ele estava inconformado com o profissionalismo, e mais ainda com a politicagem e ban-

dalheira que existia (e infelizmente existe até hoje) no futebol da década de 20.

Acabava ali um dos maiores times de futebol do Brasil.

---

## O fim de um time campeão e o início de outro

Se, por inconformismo, Prado Júnior acabou com o futebol do Paulistano, também por inconformismo, alguns conselheiros do clube e sua grande torcida exigiam que o time continuasse. Mas a esta altura isso era impossível, e o presidente, para provar que sua decisão era definitiva, mandou que o campo de futebol fosse transformado em quadras de tênis. Não havia esperança de retorno.

A solução encontrada pelos dirigentes que queriam a continuidade do futebol, com o apoio de torcedores e também de vários jogadores que participaram da conquista do último título, foi fundar um novo clube, ou, pelo menos, um novo time.

Aliado a essa vontade de começar de novo, além do dinheiro dos ex-dirigentes do Paulistano, surgiu um fato muito importante que apressou a fundação do São Paulo, o da Floresta: a má situação financeira da Associação Atlética Palmeiras, que possuía em seu patrimônio o estádio da Floresta, próximo à marginal do Rio Tietê, olhado com interesse pelos tricolores pioneiros.

Com a junção desses fatores, muita disposição e procurando perder o mínimo de tempo possível, esses homens, pouco mais de um mês, após a extinção do time do Paulistano, a 26 de janeiro de 1930, se reuniram em um antigo casarão da Praça da República e fundaram o São Paulo



*A 1ª torcida uniformizada do Brasil foi a do São Paulo*

Futebol Clube. Um São Paulo que ainda não seria o atual e duraria apenas 5 anos.

As cores do Paulistano eram vermelha e branca e as da Associação Atlética Palmeiras preta e branca. Então, na reunião de fundação ficou decidido que o São Paulo teria as cores vermelho, preto e branco, coincidentemente as cores da bandeira paulista. Também ficou definido o distintivo do clube que, por sinal, é o mesmo que se mantém até hoje.

Tomadas as providências burocráticas para registro do novo clube, os dirigentes trataram de reformar o velho estádio da Floresta para reinaugurá-lo no dia 9 de março, quando o São Paulo patrocinaria o Torneio Início e conquistaria o seu primeiro título: vice-campeão do torneio.

A estréia não poderia ter sido melhor. O São Paulo venceu o Ypiranga por 3 a 1 e nem precisou disputar a segunda partida, pois o Guarani, de Campinas, não compareceu. A decisão

foi contra o Palestra (hoje Palmeiras) e o jogo terminou 1 a 1, mas como naquela época os escanteios valiam como critério de desempate, o São Paulo com dois a menos ficou com o vicecampeonato.

O time da estréia foi esse: Nestor; Clodoaldo e Barthô; Sérgio, Rueda e Abatte; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuarella.

O São Paulo não parou aí. Disputou um bom campeonato e se manteve nas primeiras colocações. Porém, a glória maior viria no ano seguinte, 1931, quando na final do campeonato paulista, o time que ficou conhecido como "Esquadrão de Aço", derrotou o seu maior rival, o Palestra, e conquistou o único campeonato, em sua curta existência.

---

## Os falsos lordes acabam com o Floresta

Friedenreich, com seus gols maravilhosos, Nestor com suas defesas milagrosas, Barthô, Siriri e Araken com um futebol habilidoso e repleto de malícia, em campo continuavam dando alegria à torcida. Mas, fora, nos "bastidores", a cartolagem da época se encarregava de estragar tudo em nome de uma elitização, de uma pseudofidalguia.

Esses ricos senhores que

um dia fundaram o São Paulo, também foram responsáveis por sua extinção cinco anos depois. Tidos como lordes, eles nunca compareciam aos estádios, mas não se cansavam de "cornetear" pelos corredores dos clubes. Esqueceram que o clube havia nascido do futebol e passaram a se preocupar mais com a parte social. Mas para isso, precisavam de uma sede e decidiram se instalar no

Palácio Trocadero, na Praça Ramos de Azevedo, atrás do Teatro Municipal de São Paulo. Uma sede luxuosa, suntuosa, que provocou uma dívida do tamanho do orgulho daqueles falsos lordes.

Essa dívida era de 190 contos de réis e causou transtornos entre sócios e torcedores. Se os lordes quisessem poderiam ter saldado ou pelo menos ajudado a pagá-la. Mas

não quiseram. Preferiram optar pela solução mais cômoda: uma fusão com o Clube de Regatas Tietê, entregando a este, que era vizinho, o estádio da Floresta e pondo fim à dívida.

Os sócios se rebelaram contra a fusão e um grupo chegou a ir à Justiça. Mas o esforço foi em vão. Não havia mais dívida, mas o São Paulo também morria ali, precocemente.

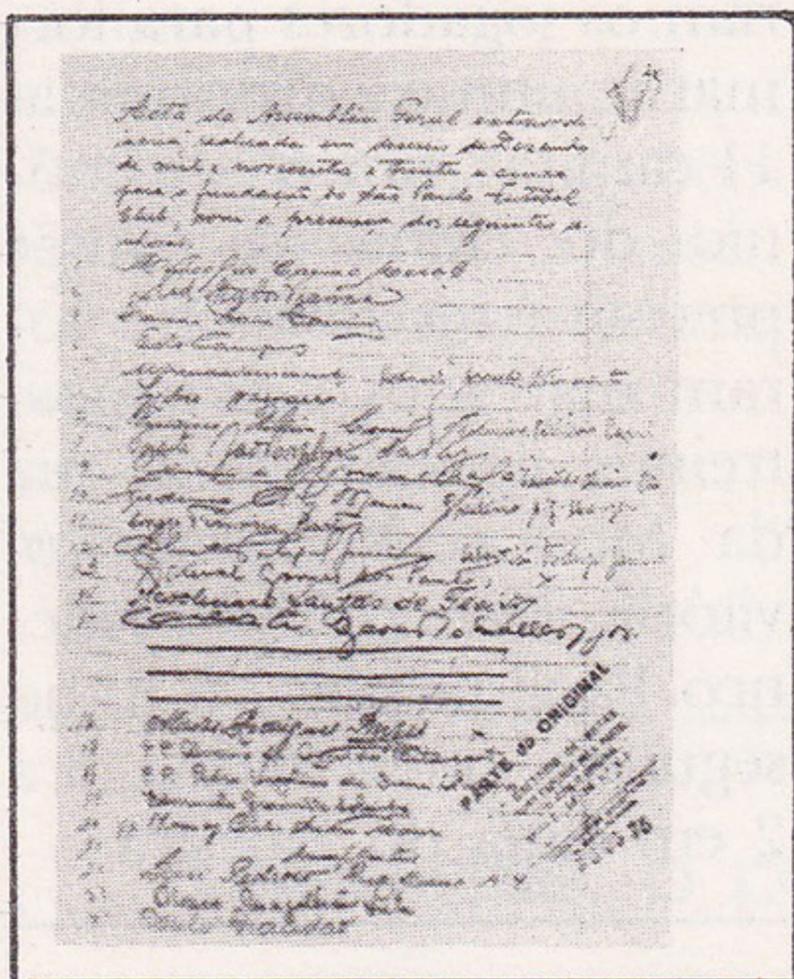
---

## Surge o clube da fé

Outra vez o inconformismo. É assim que começa a história da fundação do outro, e último, São Paulo Futebol Clube. Os revoltados com a fusão, depois de terem perdido na Justiça o processo para impedi-la, decidiram começar tudo outra vez. Não tinham muitos recursos – os ricos que haviam abandonado o clube ficaram com o Tietê –, mas tinham de sobra a vontade de acer-

tar e fé, muita fé.

Só que isso não bastava para uma nova fundação. Esses homens começaram então a se movimentar e fundaram o Grêmio Tricolor, mas este também durou pouco, somente até 14 de maio de 1935. Veio então o Clube Atlético São Paulo, presidido pelo tenente Porfírio da Paz e, de reunião em reunião o grupo chegou a 16 de dezembro de 1935, quando,



A ata da fundação do tricolor

finalmente, foi fundado o São Paulo Futebol Clube.

A reunião estava marcada para as 20 horas, mas duas horas antes já havia muita gente na rua 11 de Agosto, 9-A, onde funcionava o escritório do advogado Silva Freire. Foi ali que Porfírio da Paz fez um emocionado discurso e traçou as normas para o clube que estava surgindo. Nessa mesma noite foi eleita a primeira diretoria do clube, tendo como presidente Manoel Carmo Meca e como diretor de esportes o próprio Porfírio da Paz.

A dura lição de querer

ser o que não podia fora aprendida. O São Paulo agora era um clube pobre, sem sonhos megalomaniacos. Ao invés do luxo do Palácio Trocadero, a primeira sede, alugada, foi em um porão na Praça Carlos Gomes. Aluguel barato, mas nem sempre pago em dia.

O diretor Porfírio da Paz tratou logo de sair à cata de jogadores disponíveis, enquanto o presidente Meca, junto com Del Debbio, viajara para Curitiba com a mesma missão. Acabaram trazendo de lá o grandalhão King para ser o primeiro goleiro do São Paulo. Suas mãos eram tão grandes que com apenas uma delas conseguia segurar a bola. Sua reputação como jogador, no entanto, era péssima. Aliás, ele nem estava jogando no Paraná e o seu próprio irmão, Teleco, então centroavante do Corinthians, se encarregava de dizer que sua missão de fazer gols no São Paulo estava facilitada: “meu irmão não é de

nada”. Teleco estava errado. O grandalhão King, apelido que veio por causa do primeiro filme King Kong – um enorme macaco que segurava a apavorada mocinha na palma da mão – acabou se transformando em um dos grandes goleiros do Brasil.

Enfim, Porfírio da Paz e Manoel Meca, conseguiram

os jogadores para formar um time e distribuir as 11 camisas, único patrimônio do clube. A equipe precisava ser testada e foram marcados dois jogos-treinos no campo da rua da Moóca. No primeiro, vitória sobre o Clube Atlético Paulista por 7 a 3, no segundo, outra vitória, 3 a 2 em cima do Palestra.

---

## A estréia quase adiada

A partida que marcou a estréia desse São Paulo no futebol paulista foi marcada para o estádio Palestra Itália, no dia 25 de janeiro de 1936. Era feriado, aniversário da cidade e muita gente havia decidido ver o jogo entre o tricolor e a Portuguesa Santista. Porém, surgiu um problema sério: a secretária da Educação mandou suspender a partida. Foi uma correria para encontrar o secretário Cantídio de Campos, mas Porfírio da Paz o localizou

em um desfile na avenida Paulista e conseguiu autorização para que a partida fosse realizada. O São Paulo venceu por 3 a 2 e jogou com King; Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho.

Com dificuldades dentro e fora do campo, aos poucos, e ajudado pela obstinação de seus fundadores, o São Paulo foi se acertando. Em 1936, seu primeiro ano no campeonato

paulista, terminou em 9º lugar; no ano seguinte foi desclassificado, mas em 1938 aconteceu a fusão com o Estudantes. O time ficou mais forte, ganhou até um campo e chegou ao vice-campeonato.

Em 1939 o São Paulo

não foi bem, mas conseguiu o que na época foi classificado com uma “fachaça”: vencer o poderoso Corinthians, que ficou com o título da temporada, por 2 a 1, impondo-lhe sua única derrota na competição.

## Leônidas, o primeiro craque



*Leônidas e Remo, bicampeões*

No ano de 1941, o São Paulo, dirigido por Vicente Feola, era um time de res-

peito e conseguia mais um vice-campeonato. A torcida crescia a cada dia, exigindo um elenco forte. Também, nesse período, o clube já possuía algum dinheiro e poderia se arriscar em uma contratação de impacto, que mexesse realmente com o público e com as estruturas do futebol paulista. Havia condições para isso. Afinal, a cidade já tinha um grande estádio, o Pacaembu, e ali poderiam ser disputados os grandes clássicos, aqueles que envolviam o chamado “Trio de Ferro”: São Paulo, Palestra e Corinthians.



*No Pacaembu lotado, o grande time campeão em 1943*

Um time para ser campeão precisava de craques e para tê-los a diretoria deveria ser ousada. Assim, em maio de 1942, desembarcava na estação da Central do Brasil, ninguém menos do que Leônidas da Silva, o artilheiro da Copa de 1938, um malabarista chamado pelos franceses de “homem borracha”. Na acanhada estação 10 mil incrédulos torcedores se reuniram para ver a chegada daquele que seria um dos maiores ídolos em toda a história do clube.

Leônidas vinha do Flamengo do Rio e a torcida se encantava com jogadores cariocas. Alguns, no en-

tanto, detectaram um problema sério: ele tinha 29 anos e era considerado velho. Mais ainda: apesar da fama internacional, nunca havia ganhado muito dinheiro, por isso, o São Paulo colocou à sua disposição médicos e nutricionistas, dando a maior assistência possível ao craque recém-chegado.

A chegada de Leônidas, comprado por 200 contos de réis, na época o maior valor pago pelo passe de um jogador no país, deu ânimo novo à torcida tricolor. Todos queriam assistir sua estréia contra o Corinthians, no domingo, 24 de maio. Houve uma

verdadeira corrida, quase uma loucura para a compra de ingressos e, naquela tarde o Pacaembu recebeu o maior público de sua história: 72.078 pessoas um recorde que jamais poderá ser quebrado, pois com as reformas sofridas o estádio hoje não comporta mais do que 60.000 torcedores.

Leônidas estreou, o jogo acabou 3 a 3, mas ele não marcou. Apesar disso foi um grande espetáculo, com disputas sensacionais entre o ataque do São Paulo que tinha Luizinho, Waldemar, Remo, Leônidas e Pardal, e a defesa do

Corinthians com Joel, Agostinho e Chico Preto, além do inesquecível trio Jango, Brandão e Dino.

Além de Leônidas o São Paulo tinha também outro craque: o argentino Sastre, um maestro em campo. O time ganhava jogos, dava espetáculos, humilhava os adversários e as arrecadações e torcida aumentavam sempre. Logo ele se tornaria *o mais querido* da cidade. Apesar dos craques e da grande torcida o São Paulo não ficou com o título de 41, alcançando apenas a terceira colocação.

---

## São Paulo — campeão pela primeira vez

Com Leônidas marcando gols maravilhosos, alguns de bicicleta, vitórias tornaram-se rotina. Os estádios lotavam e o dinheiro para novas contratações aparecia rapidamente. Com tudo isso acontecendo o primeiro título não poderia mesmo demo-

rar muito.

E veio logo a seguir. Na temporada de 43, o São Paulo interrompeu a longa série de conquistas do Corinthians e Palestra (Palmeiras, desde o ano anterior).

Para se fazer justiça, é preciso lembrar que Leôni-

das não era a única estrela do time. Sem dúvida era a mais brilhante, um “Diamante Negro” em cuja órbita gravitavam nomes como Zezé Procópio, Luisinho, Remo e Pardal, além de Sastre, “El Maestro, e sua técnica apurada”. O time era o que na época se chamou de “verdadeiro esquadrão” e a escalação da partida final foi esta: King; Virgílio e Piolin; Zé Procópio, Zarzur e Noro-

nha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Durante a temporada, houve a participação de outros jogadores como Bauer e Rui que, mais tarde, ao lado de Noronha, formariam um dos mais perfeitos trios de meio-de-campo do futebol brasileiro. Além desses participaram Gijo e Mário (goleiros); Savério, Renganeschi, Zarzur, Bárrios e Teixeirinha.

## O bicampeonato por tricolor do Canindé

No ano seguinte, 44, o São Paulo adquiriu um terreno no Canindé, onde hoje é a sede da Portuguesa, para fazer o seu estádio e passou a ser conhecido como o Tricolor do Canindé. O patrimônio aumentara sensivelmente, o time possuía reservas à altura dos titulares, mas, apesar disso, não conseguiu repetir a boa campanha do campeonato anterior e terminou como vice-

campeão. Em 45, porém, as vitórias voltaram, e foi uma época inesquecível.

Nessa temporada estava



*O atacante Remo, no traço de Di Cavalcanti*

de volta o “Esquadrão de Aço”, com algumas modificações. Bauer fixara-se no meio de campo em lugar de Zezé Procópio e na ponta-esquerda, Teixeira assumiu o lugar de Pardal. Para se ter uma idéia da força desse time, o pior resultado obtido nas seis últimas partidas do campeonato foi o empate em 1 a 1 com o Palmeiras. O último jogo, o do título, foi contra a Portuguesa Santista e o resultado foi uma sonora goleada de 5 a 1. O campeão jogou com King; Piolim e Virgílio; Bauer, Rui (Zarzur) e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

O São Paulo crescia e, em toda a cidade, a pergunta era uma só: como vencer esse time? A conclusão também era única e objetiva: é impossível. E realmente ninguém conseguiu vencer o Tricolor no ano de 46. Junto com o título, primeiro bicampeonato de sua história, conquistou também a taça

dos invictos que, desde 1934, estava com o Palmeiras.

O time dessa temporada também apresentava modificações e o mais importante é que plantara a base para futuras conquistas. Equipe-base: Gijo; Savério e Renganeschi; Bauer, Rui e Noronha; Luisinho, Lele, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira. Mas também participaram da campanha Mauro (Mauro Ramos de Oliveira, que em pouco tempo se tornaria um dos zagueiros mais completos de toda a história do futebol brasileiro e mundial, capitão da conquista do bi mundial em 1962, no Chile), Barrios e China.

Em 1947 os velhos craques do São Paulo já davam sinais de cansaço. A reformulação implantada no ano anterior ainda não estava completa, a equipe se ressentiu e terminou o campeonato apenas em quarto lugar. O “esquadrão” não era mais imbatível.

## Bicampeão, outra vez

Enquanto o futebol do São Paulo enchia estádios, os dirigentes procuravam aumentar o patrimônio do clube que, a esta altura, tinha estrutura, bons jogadores e não seria abalado pela má colocação do ano anterior.

A conquista de novos títulos resumia-se a uma questão de tempo e inteligência. Era preciso, apenas, dosar o ritmo, poupando os velhos craques para que estes, com sua experiência, orientassem os novos. Isso foi feito e os resultados logo apareceram. Em 48 o São Paulo chegava mais uma vez ao título paulista sob o comando do técnico Vicente Ítalo Feola.

Na decisão contra o Palmeiras o Tricolor jogou com Mário; Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; China, Lele (Ponce de León), Leônidas, Remo e Teixeirinha.

Tudo era festa para os são-paulinos, a década ia terminando com um saldo

altamente positivo; quatro títulos e dois vice-campeonatos. Mas a torcida exigia mais e a diretoria tratou de reforçar o time para chegar ao bicampeonato, o segundo em cinco anos.

Correspondendo às expectativas do torcedor, foi contratado junto ao Vasco da Gama, do Rio, ninguém menos do que Friaça. O ataque tornou-se



*Feola, um técnico vitorioso no São Paulo dos anos 40*

então mais poderoso, tão poderoso que arrasou seus adversários – sofreu apenas uma derrota na temporada: 0 a 1 para o Santos – e chegou facilmente ao bicampeonato por antecipação, podendo até se dar ao luxo de perder a última partida para o Corinthians. Mas para fechar o ano e uma década de glórias, venceu este também, jogando com Mário; Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce de León; Leônidas, Remo e Teixeirinha. Friaça foi o artilheiro do torneio com 24

gols e em algumas partidas o São Paulo contou com jovem goleiro vindo da Argentina – José Poy, que a partir de então, dedicou praticamente toda a sua vida ao Tricolor. Mesmo depois de encerrar a carreira, continuou no Morumbi. Sua cooperação na venda de cadeiras cativas para o término da construção do estádio foi fundamental. Como jogador, Poy vestiu a camisa do São Paulo 534 vezes e como técnico treinou desde os infantis até a equipe principal.

---

## Nos anos 50, os títulos desaparecem

A década de 50 não foi tão pródiga ao São Paulo. Começou lutando pela conquista do tricampeonato (o que não conseguiu até hoje) e acabou como vice. Em 51 não foi além de um modesto quarto lugar e voltou a ser vice no ano seguinte.

Os três anos sem título

trouxeram sérios problemas para o clube. A torcida fugia dos estádios e, conseqüentemente, as rendas sumiam e não havia dinheiro para grandes contratações. Algo precisava ser feito para sacudir o marasmo – e foi. Primeiro o clube resolveu dispensar os veteranos. Isso animou um

pouco mais o público que viu, pelo menos, a diretoria se mexer, tentar acertar. Depois, para completar a reformulação que vinha sendo feita nos anos anteriores, era preciso obter alguns reforços. Além disso, como sempre acontece quando uma equipe fica muito tempo sem vencer, o técnico dança. E Feola dançou. Para seu lugar foi contratado Jim Lopes.

Como o que interessava à torcida não era tanto a dispensa de veteranos e a troca de técnico, e sim contratações de novos jogado-

res, o São Paulo, em 53, conseguiu cinco reforços: Ranulfo, Dino, Pé de Valsa, Maurinho e o centroavante Gino, que acabaria sendo o segundo artilheiro da história do clube com 235 gols.

Com uma equipe bastante modificada o São Paulo chegou ao título de 1953, marcando 70 gols e sofrendo apenas 21. O time da final foi este: Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeirinha.

---

## O último título antes do Morumbi

De 1954 a 1956, o máximo que o São Paulo conseguiu foi o vice-campeonato nesse último ano. Outra vez o clube passara três anos sem título e outra vez a torcida fugia dos estádios. Era preciso reanimá-la e o São Paulo fez isso com duas contratações fundamentais: o

técnico húngaro Bella Gutman e um jogador experiente, Zizinho, que veio do Bangu do Rio de Janeiro.

Zizinho tinha negócios no Rio e, por isso, assinou contrato com o São Paulo por apenas dois meses, tempo suficiente para, com passes precisos, malícia e experiência, levar o time à

conquista de mais um título.

O campeão tinha outros craques como Dino Sani, Gino, Maurinho e Canhoteiro (maior pontaesquerda que passou pelo São Paulo em todos os tempos) mas, sem dúvida, foi Zizinho o maior responsável pela conquista, a última do São Paulo antes

da "Era Morumbi". A decisão foi contra o Corinthians e o São Paulo venceu por 3 a 1, jogando com Poy; De Sordi e Mauro; Sarará, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.

Depois desse título o São Paulo só voltaria a conseguir outro 13 anos depois, em 1970.

---

## Muito sacrifícios e poucas glória



São Paulo F. C.

*Complexo esportivo do Morumbi: valeu a pena o sacrifício*

Durante o período em que ficou sem títulos, o São Paulo perdeu também o apoio de sua torcida. A razão era bem simples: torce-

dor só apóia time que vence, que é campeão. E isso não estava ocorrendo. Ao contrário, todo o dinheiro arrecadado era des-

tinado à construção do Estádio do Morumbi, enquanto o futebol era sacrificado, pois as equipes que se formaram nessa época, apesar de alguns grandes nomes que surgiram, não tinham força suficiente para novas conquistas. Havia também um outro problema: jogadores de prestígio não queriam jogar no São Paulo devido ao arrocho salarial.

Sem gastar muito, o clube ia mantendo o futebol como podia, evitando apenas não ficar nas últimas colocações para não abalar ainda mais o seu prestígio. Em anos de me-

lhor sorte, chegava às finais, mas o título não aparecia.

Em 1958, ainda contando com boa parte do time campeão no ano anterior, o São Paulo chegou ao vice-campeonato, mesma colocação que obteria nos anos de 63 e 67. Nesse último, quase ganhou, mas um gol de Ben, do Corinthians, aos 43 minutos do segundo tempo, empatando o jogo em 1 a 1, fez com que o São Paulo disputasse uma partida extra contra o Santos de Toninho Guerreira e Pelé. Resultado: Santos 2, São Paulo 1.

---

## Estádio pronto e os títulos de volta

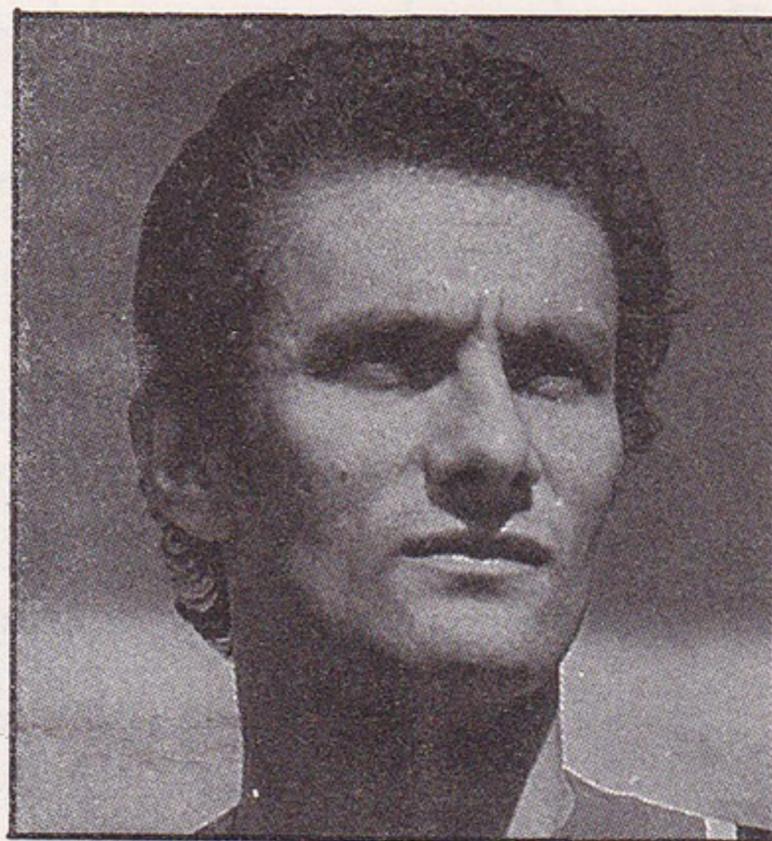
Com o lançamento do carnê Paulistão, em 67, o São Paulo conseguiu dinheiro suficiente para dar a arrancada final nas obras que concluiriam o estádio três anos depois.

No dia 25 de janeiro de 1970 o Morumbi, com

capacidade para 140 mil pessoas, foi inaugurado definitivamente, tornando-se o maior estádio particular do mundo. Agora era tempo de cuidar do time.

A diretoria pensava em montar uma grande equipe em 70 e ganhar tí-

tulos a partir de 71, mas com os craques que vieram era quase impossível perder, e o primeiro campeonato da "Era Morumbi" chegou um ano antes do previsto. O goleiro era um jovem chamado Sérgio que, por suas defesas milagrosas, em pouco tempo passou a ser chamado de "São Sérgio". A defesa ainda mantinha Jurandir e Dias. O restante do time era quase todo formado por gente nova. Do Uruguai vieram Pablo Forlan, e Pedro Rocha – o primeiro tornou-se um símbolo de raça no Morumbi e o segundo símbolo de técnica. Para fazer os gols que levariam ao título foi contratado Toninho Guerreira, que até o ano anterior formava dupla com Pelé no Santos. Toninho foi o artilheiro do campeonato com 13 gols. E, finalmente, para comandar esse grupo, o São Paulo foi buscar no Botafogo do Rio, o experiente Gérson Nunes de Oliveira, um líder, tricampeão mundial e,



Manoel Motta/Ahri Press

*Pedro Rocha, "El Verdugo"*

acima de tudo, craque. No final, com 12 vitórias, 3 empates, 3 derrotas, 27 e 15 contra, sagrou-se campeão faltando ainda uma rodada para o término da competição. O time-base naquele ano formou com Sérgio; Forlan, Dias, Jurandir e Gilberto; Edson e Gérson; Paulo, Pedro Rocha (Terto), Toninho e Paraná. Técnico: Zezé Moreira. Esse título trouxe de volta a torcida aos estádios.

No ano seguinte, sob o comando do técnico Oswaldo Brandão e com apenas duas alterações – saiu Paulo e Terto fixou-se ponta-direita; no lugar de

Dias, afastado por problemas cardíacos, assumiu Arlindo – o São Paulo conquistou o terceiro bicampeonato de sua história. Toninho Guerreira sagrou-se pentacampeão paulista, um recorde até hoje não superado. Antes Toninho havia sido tri pelo Santos. Também em 71 o São Paulo foi vice-campeão brasileiro. Em 1972, procurando manter a mesma equipe, aconteceu um fato curioso: o time foi vice-campeão paulista sem perder sequer um jogo.

O título seguinte só viria em 1975. Outra vez com uma equipe renovada – dos bicampeões só sobram Rocha, Terto e Gilberto – o São Paulo voltou a vencer. Nesse ano chegaram ao Morumbi quatro jogadores vindos da Ponte Preta: Valdir Perez, Nelsi-

nho, Chicão e Teodoro e dos juvenis foram revelados mais três: Serginho, Zé Carlos e Murici. Desses, sem dúvida a grande sensação do campeonato foi Serginho, um negro alto, magro, temperamental, que chutava sempre de perna esquerda.

Serginho chegou ao posto de artilheiro do ano com 22 gols e, ao todo, ele marcaria 242, recorde na história do clube. A decisão daquele ano, contra a Portuguesa, foi nos pênaltis, devido ao absurdo regulamento da Federação. Valdir Perez, defende duas cobranças foi o herói do jogo. O time jogou com Valdir Perez; Nelsinho, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Zé Carlos; Terto, Murici e Serginho.

---

## O primeiro título brasileiro

De todos os títulos conquistados pelo São Paulo

na década de 70 o mais importante foi o último, em



Paulo Pinto/ Abril Press

*Euforia no Mineirão: São Paulo campeão brasileiro de 1977*

77. Naquele ano, já sem Pedro Rocha e com jogadores de pouca técnica – na realidade alguns eram bem medíocres –, além de não poder contar com o futebol de Serginho na partida final, pois estava suspenso por ter agredido um bandeirinha, o São Paulo foi para a decisão em Belo Horizonte contra um Atlético que estava invicto no

campeonato e que tinha talentos como João Leito, Lusinho, Paulo Isidoro e Toninho Cerezo. O maior craque do time mineiro, Reinaldo, também estava suspenso e não atuou na final. Foi um jogo nervoso, uma verdadeira guerra, onde a melhor técnica dos mineiros era combatida pela raça, pela vontade e até pela violência do Trico-

lor. Neca do São Paulo chutou o joelho de Ângelo e, com o jogador caído, Chicão pisou o local machucado, provocando uma séria contusão. Mesmo assim eles não foram expulsos e o jogo prosseguiu, nervoso.

Depois de 90 minutos de muita violência e nenhum gol, a dose se repetiu nos outros 30 minutos de prorrogação e ninguém conseguiu marcar. A decisão foi por pênaltis e o São Paulo venceu por 3 a 2, outra vez

contando com a catimba e a experiência de Valdir Perez. Os gols do São Paulo foram marcados por Antenor, Peres e Bezerra, Chicão e Getúlio erraram suas cobranças. Para o Atlético marcaram Ziza e Alves, erraram Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio. O time da decisão foi o seguinte: Valdir Perez; Getúlio, Teção, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dario Pereira; Viana, Neca (Mirandinha) e Zé Sérgio.

---

## Outra década, outro bi

Passada a euforia do primeiro título brasileiro o São Paulo voltou suas atenções para o Campeonato Paulista, que não ganhava desde 1975. Mantendo a base do time campeão, conseguiu ir às finais com o Santos em 78. Perdeu o primeiro jogo, ganhou o segundo e, por força do regulamento, teria que vencer também na

prorrogação. Empatou e foi vice.

No ano seguinte, 79, a campanha foi péssima e ao iniciar a década de 80, o Tricolor conseguiu novamente montar um time forte e chegar ao título. Oscar, destaque da seleção brasileira na Copa de 78, estava descontente no Cosmos de Nova Iorque e o São Paulo foi buscá-lo.

Dario Pereira, depois de incontáveis problemas médicos e de adaptação, finalmente se firmou como quarto zagueiro. Para o ataque foram contratados Renato, campeão brasileiro pelo Guarani em 78, e o ponta-direita Paulo César.

A final deste ano foi com o Santos e o São Paulo venceu por 1 a 0, gol de Serginho. O time jogou com Valdir Perez; Getúlio, Oscar, Dario Pereira e Airtton; Almir, Renato (Alexandre Bueno) e Heriberto; Paulo César, Serginho (Assis) e Zé Sérgio. O técnico era Carlos Alberto Silva que, em 87, assumiria o comando da seleção brasileira.

Para chegar ao bicampeonato não foram necessárias grandes alterações no time. Apenas dois jogadores de peso e ambos polêmicos foram contratados: Marinho Chagas para a lateral-esquerda e Mário Sérgio para a ponta-esquerda. Na partida final, contra a Ponte Preta, Os-

car ficou fora, o São Paulo venceu por 2 a 0 com Valdir Perez; Getúlio, Gassem (Nei), Dario Pereira e Marinho Chagas; Almir, Renato e Heriberto; Paulo César, (tatu), Serginho e Mário Sérgio. O técnico foi Chico Formiga.

Nesse ano o São Paulo chegou também ao final do campeonato brasileiro, mas perdeu o título para o Grêmio ao ser derrotado por 1 a 0, gol de Baltazar, em pleno Morumbi.

Chegou o ano de 1983 e os são-paulinos mais eufóricos já falavam em mudar o nome do estádio para "Morumb-tri", achando que, finalmente o São Paulo conquistaria o tricampeonato. Veio a decisão contra o Corinthians de Sócrates e o fim do sonho: o São Paulo foi vice. No ano seguinte, outra final com o mesmo adversário e nova derrota.

Em 84, o desastre foi total. O time precisava ser reformulado. Serginho já não era um jovem impetuoso e queria sair, Valdir



*O São Paulo de Cilinho, campeão paulista de 1985*

Perez também. Os dois foram embora e seguiram-se outros. A reformulação que começava se completaria com a chegada de Cilinho, um técnico que não gosta de trabalhar com jogadores consagrados, e sim com jovens de futuro.

O trabalho de Cilinho, muito criticado no início, só foi reconhecido em 85, quando o São Paulo, com uma equipe jovem e competitiva conquistaria o campeonato paulista, disputando dois jogos finais contra a Portuguesa e vencendo os dois. Dos jogadores antigos sobraram ape-

nas Oscar e Dario Pereira. Falcão chegou para ser um novo Zizinho ou um Gérson, mas, veterano, já não brilhava tanto. Ajudou, mas não era nem sombra do grande Falcão da Copa de 82. A campanha do São Paulo neste ano não deixou dúvidas: teve a melhor defesa, o melhor ataque, o artilheiro do campeonato, Careca, com 24 gols e o vice, Muller, com 20. Na final jogaram Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Dario Pereira e Nelsinho; Márcio Araújo, Falcão (Freitas), Silas (Pita); Muller, Careca e Sidney.

## O segundo título brasileiro, outra vez nos pênaltis

Em 86 o São Paulo não conseguiu brilhar no campeonato. A maioria das partidas foi disputada sem os grandes craques da equipe, que haviam sido convocados por Telê Santana para a Copa do México, além de Dario Pereira, convocado para servir a Seleção uruguaia.

Veio o campeonato nacional de 86 e, com o time completo, o São Paulo voltou a brilhar. Perdeu seu grande condutor, Cilinho, mas Pepe, que havia sido campeão pela Inter de Limeira, levou o time aos

dois jogos finais com o Guarani. O primeiro, no Morumbi, acabou empatado em 1 a 1. O segundo, em Campinas, terminou com o mesmo placar. Na prorrogação, empate em 3 a 3. A decisão ficou para a cobrança de pênaltis, onde o São Paulo venceu, mais uma vez: 4 a 3. O time desta final era quase o mesmo da decisão do campeonato paulista de 85: Gilmar; Zé Teodoro, Vágner, Dario Pereira e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Muller, Careca e Sidney, (Fonseca).

### São Paulo de todos os tempos

Em sua edição de 6 de março de 1985, o jornal *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, publicou um suplemento especial sobre os 50 anos do São Paulo Futebol Clube, onde aparecia o time de todas as épocas, escolhido por vários cronis-

tas esportivos, entre os quais, nomes respeitados como Loureiro Jr., Ênnio Rodrigues, Flávio Iazzetti, Lucas Neto, Chico Domingues, Edemar Annuseck e outros. Naquela votação foi formado o seguinte time: Poy, De Sordi,

Mauro, Roberto Dias, Noronha, Bauer, Gérson, Sastre, Luisinho, Leônidas e Canhoteiro. Técnico: Bella Gutman. Sem dúvida um grande time, mas acrescentando-se àquelas opiniões a de outros jornalistas como Alcides da Silva, Roberto Petri, Sérgio Carvalho, Flávio Adauto, Arley Pereira, Miguel Biazzo Neto e José Batista, a composição do melhor elenco do São Paulo sofre algumas modificações. Nomes como Zizinho, Pedro Rocha, Remo, Rui, enfim, uma galeria de craques, não devem ser esquecidos ídolos que são de várias gerações de são-paulinos.

E nisso tudo há mais um detalhe importantíssimo, constantemente lembrado pelos jornalistas. Se considerarmos a história do São Paulo desde 1930, época do São Paulo da Floresta, ninguém pode esquecer que por ali passou Arthur Friedenreich, um fenômeno do futebol, de dribles curtos e maliciosos que jogou até aos 44 anos

de idade e encerrou a carreira com a incrível marca de 1329 gols marcados. Todos eles homologados pela Fifa.

Pablo Forlan, lateral-direito, por sua raça também foi bem votado e não pode ser esquecido. O goleiro Valdir Perez que, em 12 anos de clube vestiu 617 vezes a camisa do Tricolor – um recorde na história do São Paulo – recebeu vários votos.

Além deles, dos arquivos implacáveis de Luis Godoy, no Morumbi, surgem números que não podem ser contestados. E esses números mostram que o maior artilheiro do São Paulo foi Serginho, com 242 gols, e o segundo Gino Orlando, com 235. Eles nunca foram habilidosos, nunca foram chamados de gênio, e não entram para a seleção de craques, mas seus gols ajudaram a construir a história do São Paulo e deram ao torcedor a certeza de que ser são-paulino é ser um campeão.

Nas Bancas

# RECEITA PARA VENCER NOS ESPORTES:

Anota aí:

- 2 colheres de Germe de Trigo
- Levedo de Cerveja
- Alguns comprimidos de vitaminas
- Muito treino

- 8 livretes. É, oito livretes que ensinam todas as regras, fundamentos e a história dos principais esportes: Futebol, Vôlei, Basquete,

Tênis, Boxe, Surfe, Levantamento de Peso e Bocha. Para ser um vencedor, use e abuse desta coleção. Ela vai ajudar você a subir no pódio.

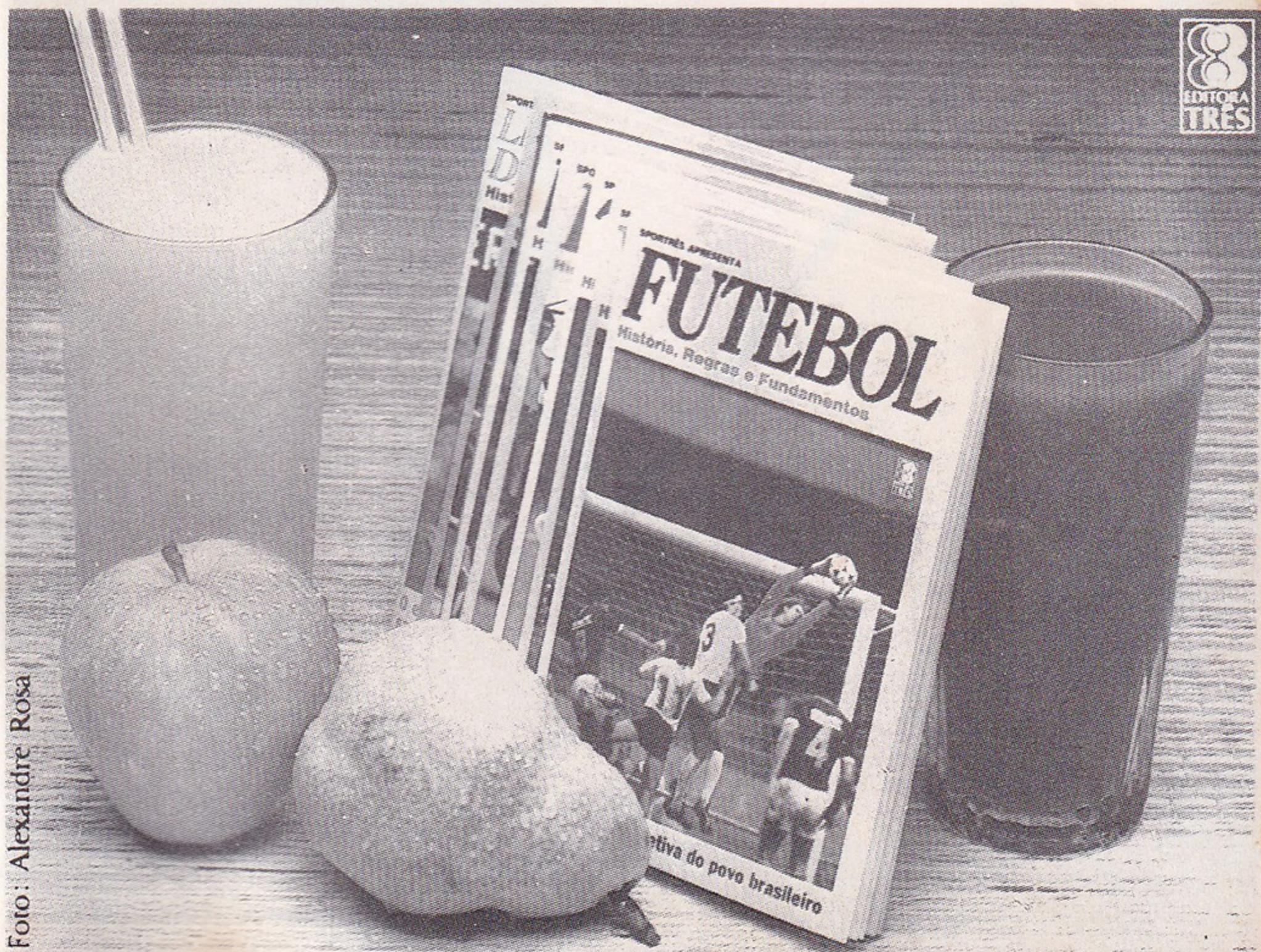


Foto: Alexandre Rosa

8  
EDITORA  
TRÊS

S.P.F.C.



# **SÃO PAULO**

Texto e pesquisa:

**PAULO CEZAR CORREIA**

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM  
**MICHAEL SERRA**

ARQUIVO HISTÓRICO DO  
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE  
**2023**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**